

## À Ponte de Brooklyn

Em quantas madrugadas, arrefecidas pelo repouso ondulante,  
As asas da gaivota não-de imergi-la e voar em seu redor,  
Espalhando anéis brancos de tumulto, erigindo bem no alto  
Sobre as águas agrilhoadas da baía a liberdade —

Então, numa curva inviolada, deixarão os nossos olhos  
Tão espectrais como veleiros que cruzam  
Uma página cheia de parcelas a arquivar;  
— Até que os elevadores nos libertem do nosso dia...

Sonho com cinemas, truques panorâmicos  
Com multidões debruçadas sobre uma cena fulgurante  
Jamais revelada, mas passada de novo à pressa,  
A outros olhos prometida sobre o mesmo écran;

E TU, por cima do porto, ao ritmo da prata  
Como se o sol te imitasse, embora deixasse  
Um gesto nunca acabado no teu rasto, —  
Implicitamente ficas com a tua liberdade!

De uma abertura no metro, de uma cela ou mansarda  
Um louco precipita-se para os teus parapeitos,  
Oscilando aí por momentos, a garrida camisa enfunada,  
E um gracejo solta-se da multidão surpreendida.

Por Wall Street, escorre o meio-dia desde a viga mestra até à rua,  
Um rasgão no acetilene do céu;  
Toda a tarde os guindastes envoltos pelas nuvens giram...  
Os teus cabos respiram ainda o Atlântico Norte.

E é obscura, como aquele céu dos judeus,  
A tua recompensa... tu conferes o louvor  
De um anonimato que o tempo não pode evocar:  
Testemunhas uma indulgência e um perdão vibrantes.

Harpa e altar pelo furor unidos,  
(Como pôde o simples trabalho alinhar as tuas cordas cantantes!),  
Medonho limiar da promessa do profeta,  
Prece de um pária, e grito de um amante, —

E de novo as luzes do trânsito que deslizam pelo teu idioma  
Veloz e total, imaculado suspiro de estrelas  
Ornando o teu caminho, condensam a eternidade:  
E vimos a noite erguida nos teus braços.

Sob a tua sombra, esperei junto dos pilares;  
Apenas na escuridão é a tua sombra nítida.  
Os bairros flamejantes da cidade todos inacabados,  
A neve submerge já um ano de ferro...

Ó Insone como o rio lá em baixo,  
Em abóbada sobre o mar, erva sonhadora das pradarias,  
Desce, vem até nós, os mais humildes,  
E da tua curvatura empresta a Deus um mito.

## I Ave Maria

*Venient annis, sæcula seris,  
Quibus Oceanus vincula rerum  
Laxet et ingens pateat tellus  
Tiphysque novos detegat orbes  
Nec sit terris ultima Thule.*

— Séneca

Agora não me abandones, Luis de San Angel

— Testemunha antes das marés arrastarem  
A palavra que trago, tu, que guiaste a minha  
petição

Até ao grande coração da rainha naquele  
dia de incertezas;

Pois eu vi agora o que nenhum perjuro alento  
De palhaço ou de sábio consegue decifrar ou  
negar;

— Tu também, Juan Perez, cujo conselho afastou  
O medo e a cupidez, — trago-te de volta a Cataio!

*Colombo,  
só, olhando  
fixamente  
em direcção a  
Espanha, invoca a  
presença de dois  
fiéis partidários  
da sua busca...*

Aqui as ondas entram no crepúsculo sobre a cota reluzente;

Invisíveis válvulas do mar, — cadeados, tendões

Encrespados e rastejantes, longos corredores

Que recuam abrindo-se para outro mergulho.

Lenta a caravela vermelha do sol mais uma vez

Asperge luz por detrás de nós... lá é manhã

— Onde os nossos impérios indianos se estendem, revelados,

Mas perdidos, todos, e que esta quilha os revele um instante!

Pensei em Génova; e é esta verdade, agora confirmada,

Que me obrigou a exilar nas suas ruas, mas que me parecia

Mais confiante que nunca — esperando a lua até que iluminasse

A aurora aquela sombria fronteira, inicialmente vista

— O grande continente de Chan... Então a fé, não o medo,

Quase me tornou inconsciente... ao escutar a ressaca próxima  
 — Eu, respirando espanto, fazia a vigia, — e vi  
 A primeira palmeira, divisa da primeira colina iluminada.

E lancei a âncora. E vieram todos até nós gritando:  
 «Os Grandes Pássaros Brancos!» (Ó Madre María, faz  
 Com que apenas um barco destes volte salvo;  
 Protege-nos com o teu eterno manto azul!)  
 E mais de uma notícia a flutuar num elmo  
 Se afastou agitado de nós, vogando sob mastros despidos;  
 E, mais tarde, tufões hão-de reclamar outros penhores...  
 Pois aqui entre dois mundos, um outro, rude,

O terceiro, de água, experimenta a palavra; olhai, aqui  
 A desorientação e o motim unem-se esmagando  
 O riso, e a sombra ceifa o sono do coração  
 Como se a cimitarra lançada pelo Mouro  
 Encontrasse mais do que carne para afundar-se na sua queda.  
 Mas, sob a investida da tempestade e os vômitos,  
 Em soluço profundo e em surdina dissuade o abismo,  
 Funde o vento ao ritmo das ondas,

Ondas após ondas, até ao infinito, — até que os olhos  
 Parados se abram, estupefactos, sobre as marés negras, e circundem  
 Todo este contorno esférico giratório, este anel crescente  
 Com pontas de sol e cingido de fogo modulado  
 Como pérolas que murmuram por entre as mãos do Doge  
 — Porém não há qualquer delírio de jóias! Ó Fernando,  
 Retira daquela costa oriental este mar ocidental,  
 Mas cede à caridade do teu Deus e da tua Virgem!

— Precipita-te sobre esta plenitude, e verás  
 Isaías enumerar a fome neste abrigo!

\* \* \*

Uma erva, um ramo perdido entre os dentes salgados,  
 As algas gelatinosas que se arrastam pela costa, — talvez  
 A lua de amanhã nos conceda Saltes Bar  
 — Palos de novo —, uma terra liberta de longa guerra.  
 Um Angelus rodeia a árvore do cordame,  
 As águas negras libertam a proa sombria.

\* \* \*

Ó Tu que dormes em Ti mesmo, à parte  
 Como o oceano através dos caminhos da morte e da vida,  
 E, por entre as brisas redemoinhantes, procuras  
 Cruel e com amor a tua parábola de homem,  
 — Inquisidor! Verbo incognoscível  
 Do Éden e do agrilhado Sepulcro,  
 Nas tuas savanas abruptas, ardentes e azuis,  
 Na solidão absoluta a vela é fiel.

Tu que fazes gemer o remo, e que disputando o mastro  
 Subscreves o holocausto dos navios, Tu  
 Em cujo primeiro olhar consumadamente  
 Nadam os cintilantes senhorios do Ganges;  
 — Que envias saudações pelo fogo-de-santelmo,  
 E pela granada de Tenerife — inflamada numa nuvem,  
 Forçando pela noite dentro a nossa passagem para o Chan;  
 — Te Deum laudamus, pela tua envergadura!

De toda aquela amplitude que o tempo explora,  
 Um agulha sob o olhar, detido o norte,  
 — Concede, por inferência e exclusão, fé  
 E verdadeiro encontro do baixio escondido,  
 Esta disposição que a tua noite descreve  
 Desde a Lua a Saturno numa roda de safira;  
 O rasto orbicular dos teus pés outrora rodopiantes,  
 Elohim, ainda escuto o fragor dos teus passos!